

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

NOVAMENTE CONTRA VESPÚCIO NA IBÉRIA.

ROBERTO LEVILLIER

Recebi há pouco de Madri um nôvo livro sôbre o florentino e fiquei satisfeito em verificar a idéia de se resenhar em um pequeno volume a produção literária que a êle se refere. Infelizmente o que acabo de ler do Sr. José A. Aboal Amaro: *Américo Vespúcio — Ensayo de bibliografía crítica*, datado de 1962, não corresponde ao título e parece concebido com o deliberado propósito de traçar uma imagem odiosa do florentino. Pouco proveito pode-se esperar de um autor que deforma o que toca. E' preferível ficar com a minuciosa bibliografia crítica de Vignaud, de 1917, que ofereceu em seu *Amerigo Vespucci e suas viagens* o conhecido historiador e comentarista Professor Marcondes de Souza, em 1949, e os trabalhos dos bibliógrafos italianos de 1954 e 1955, como o Dr. Sérgio Martini, autor do *Catálogo da Mostra Vespucciana de 1954*, e o Dr. Giuseppe Barbieri, que continuou em 1955 os trabalhos de Fumagalli para a *Rivista Geografica Italiana*. De primeira água é também a reedição da famosa *Bibliotheca Americana Vetustissima* de HARRISSE, com dois volumes de comentários e dois de *Adições*, nos quais está atualizada a bibliografia vespuciana, obra magistral e pacientemente elaborada, datada de 1960, do Sr. Carlos Sanz López. O Sr. Aboal confirma sua posição de opositor, silenciando as novas e muitas fontes dêste professor. Cita a obra de Marcondes de Souza, mas sem utilizar a indicação dêste crítico dos diplomatas e negociantes contemporâneos do florentino que corroboram sua viagem austral. O que o livro impugna ocupa quase todo o volume, de modo que não é mais que uma compilação de ataques destinados a renegar os descobrimentos documentados e desacreditar o florentino.

O livro, publicado em Madri, recorda o gesto de 1923, quando um grupo de historiadores lusitanos, capitaneados por Duarte Leite, valeram-se da comemoração do centenário da Independência do Brasil para apresentar uma apologia de Portugal e abrir uma campanha ofensiva contra a obra descobridora de Espanha e seus pilotos, particularmente Yañez Pinzón, Hojeda e Vespúcio, no norte do Brasil.

Ademais continuou maltratando a ciência cosmográfica dos espanhóis, sem poupar Colombo nem Vespúcio. A obra de Magnaghi, *Amerigo Vespucci*, foi, em 1924, réplica indireta a Duarte Leite, e o melhor de sua defesa consistiu em sustentar que a viagem de 1501-1502, pilotada por Vespúcio em sua segunda etapa, foi costeira e descobridora do litoral até cêrca de 50° ao sul. Pohl, Melon, Ruiz Guiñazú e Marcondes de Souza seguiram Magnaghi nesse ponto. Em 1948, em *América la bien llamada*, em 1951, em *El Nuevo Mundo* (Ed. Nova) e em 1954, em *Los viajes y Cartas de Vespúcio segun Magnaghi*, no Boletim da Sociedade Geográfica de Madrí, expressei meu desagrado pela supressão de duas cartas e de duas viagens de Vespúcio pelo professor italiano; não obstante essas diferenças e a polêmica que se seguiu com o Professor Giuseppe Caraci, concordamos *todos*, bem como Arciniegas e Sanz López mais tarde, em que a viagem de 1501-1502 foi *costeira* e alcançou aproximadamente a latitude de 50 graus sul.

Foi-me possível fortalecer essa conclusão: 1º) com os novos testemunhos cartográficos de Maiollo 1504, e Waldseemüller de Brixen de 1515, que corroboram com seus topônimos o itinerário do litoral; 2º) a publicação, em 1957, da versão inédita de *Mundus Novus*, de Alejandro Zorzi; e 3º) em 1962 com as citações de cosmógrafos do século XVI, que admiravam a ação descobridora de Vespúcio, celebravam sua capacidade náutica e, sobretudo, suas revelações sôbre os antípodas habitáveis e o quarto continente (Ver *Américo Vespuccio, El Viaje de 1501-1502*, na Revista *Buenos Aires*, nº 2, 1962). Além disso, com a descoberta de onze cartas desconhecidas de punho e letras do florentino no *Archivio di Stato*, de Florença, publicadas no nº24 da *Revista de História* de São Paulo, pôs-se fim à conjectura de que a carta de 18 de julho de 1500 pudesse ser apócrifa.

O Sr. Aboal silencia a evolução dos conceitos acêrca de cartas e viagens de Vespúcio e limita-se a identificar, em poucas linhas, os trabalhos que reconheceram o valor da ação de Vespúcio. Por outro lado, dedica *páginas* àquêles que, para anulá-lo, o cobriram de opróbio. Darei exemplos mais adiante. Esta vista rapidíssima sôbre o conjunto é, certamente, pouco promissora.

PREFÁCIO SINTOMÁTICO.

O autor não apresenta conclusões; mas antecipa, no preâmbulo, os pontos da requisitória que irá acentuando em menosprêzo de Vespúcio. São êles, em resumo: que sua função na terceira viagem foi trivial; que a carta *Mundus Novus* pode não ser sua; que, não obstan-

te, bastou para dar seu nome ao Nôvo Mundo e que essa honra era injusta, pois Vespúcio não tinha antecedentes nem merecimento para ela. Quanto ao “homem” Vespúcio, descreve-o como fátuo, egoísta, preocupado apenas consigo mesmo, e coloca-o no banco dos réus por não mencionar os nomes de seus companheiros. Cada um desses fatos teve, já no passado, nome e sobrenome; mas examiná-los-ei como se fôsem de própria autoria do Sr. Aboal, que cita muito pouco suas fontes.

Bastaram, segundo êle, “umas fôlhas impressas” (*Mundus Novus*), dirigidas por Vespúcio a Lorenzo Pier Francesco de Médicis, para

“lograr dar seu nome a um imenso continente”,

e o fato de que ia o florentino “*com a ínfima categoria de agregado*”. Consequência absurda, prossegue dizendo “*porque a obscura função de Vespúcio* nessa viagem não pressagia nem justifica a altíssima honra de que seu nome aplicado a um continente, honra jamais alcançada por homem algum, *perpetui sua duvidosa glória*”. Nas linhas seguintes, porfia o autor que *Mundus Novus pode não ser de Vespúcio* e o fere assim:

“Na citada carta, Vespúcio — *ou quem quer que haja utilizado seu nome* — encerra em abismos de silêncio (sic) os nomes dos expedicionários e ainda dos pilotos e mestres, e apenas apregoa o seu: Americus Vesputius. Através desse documento — *se realmente é seu* — o florentino exhibe petulante apurmo. Sua fatuidade o induz a pavonear-se em primeiro plano e a *fundir no anônimo* chefes e confrades. *Se o Mundus Novus é obra de Vespúcio*, o caráter deste homem é incompatível com a delicada virtude da modéstia. A produção impressa do florentino — *ou que se lhe atribui* — é de muito limitada extensão”.

Pelas palavras por mim sublinhadas, deduzirá o leitor que, desde o prólogo, profere o Sr. Aboal duas imputações igualmente infundadas e deprimentes. Uma, que Vespúcio não escreveu *Mundus Novus*, e a outra, que foi egoísta e desleal com seus companheiros. Ficam assim expressos dois dos propósitos aos quais submete sua obra.

E' inegável que o Rei de Portugal convidou Vespúcio para participar da viagem de 1501-1502. Tanto D. Fernando como êle sabiam que possuía então uma cultura cosmográfica pouco comum. Suas navegações e seus conhecimentos de astronomia, perceptíveis em suas cartas, confirmadas na famosa reunião de pilotos de 1505,

onde Caboto elogiou sua arte de calcular alturas, foram muito bem aproveitados a bordo, em momentos difíceis da terceira viagem. E sua designação de Pilôto-Mor não teria sido feita se o Rei não o julgasse então capaz de ensinar.

A expedição de 1501-1502 tinha por finalidade corroborar o descobrimento do Brasil por Cabral e verificar, seguindo a costa, se existia um estreito. De tôdas as maneiras e sem ser seu cargo, a bordo, de Capitão-Mor, e tampouco de escrivão destinado a salvaguardar os nomes de capitães, mestres e pilotos das caravelas, dirigiu uma parte do périplo, e por suas cartas, relatando e interpretando o que viu, ficou em pouco tempo *famoso*. Este é o fato surpreendente que o autor não explica.

Bastam as linhas glosadas do aludido prefácio para que o leitor preveja o que o espera ao engolfar-se nesta coleção de fragmentos malignos, destinados a prejudicar e, sobretudo, a diminuir Vespúcio.

CRÍTICA DE CRÍTICAS.

Diz bem que esta carta,

“pela divulgação amplíssima que teve nos países cultos da Europa (27 edições em 6 anos), situou Vespúcio no trampolim que o lançou à imortalidade”.

Isto é certo; mas não trata, em nenhuma parte de seu livro, do *por que?* Que particularidade tinha êste opúsculo para produzir no mundo semelhante impressão? O ponto era perigoso e o autor o evita. Tampouco parece ter conhecido trabalho algum que explicasse o fenômeno, nem sequer o último, de mais de cem páginas, por mim publicado, em 1957, no *Boletín del Instituto de Investigaciones Históricas* da Faculdade de Filosofia de Buenos Aires, intitulado *Mundus Novus, la carta de Vesputio que revolucionó la Geografía*. Esta carta, em latim, é comparada, dividida em colunas, com a *carta de Lisboa de 1502, a primeira edição italiana do Paesi de 1507, e Alberico*, de Alejandro Zorzi, ali publicado tipograficamente e em facsímile pela primeira vez. E' de suspeitar-se que uma recompilação de fontes como a que comento omitta semelhante trabalho, m̀axime tendo aparecido fora do citado, nos *Anales de la Universidad de Chile*, na *Revista de História* de São Paulo e no *Journal of Interamerican Studies* de Washington. Estudo nessa monografia por que circulou tanto essa carta e que novidade trazia para provocar uma emoção universal traduzida em 42 edições em 25 anos! A causa é simplíssima, tanto quan-

to inegável; consiste em um par de frases; nem isso: em um par de palavras... D. Manuel sabia muito bem o que buscava ao convidar um estranho. Por sua reputação, assim como ao conversar com êle, teria reconhecido suas qualidades de observador e seu senso crítico. Nem êle nem D. Fernando eram filantropos; pensavam, como estadistas, unicamente no interesse de *sua* pátria. E certamente estariam inteirados, por aquêles em que confiavam, do que poderia êle fazer *para êles*, pois se não houvesse sido assim, não o teriam anteposto a seus compatriotas. E' totalmente em vão que o Sr. Aboal o julgue superficialmente, como seus colegas da "Sociedade Geográfica de Lisboa" e os Cartólogos de Coimbra, "um homem bem dotado e de boa estrêla", sêcamente; isto é aduzir à mediocridade a origem da relação entre os dois monarcas e Vespúcio.

Vespúcio comandou a expedição de 1501-1502 depois de ter a frota percorrido a costa do Brasil e ter penetrado na jurisdição de Castela. Dirigiu-a por resolução de seu Conselho de Oficiais até uma baía com um rio no centro, que chamou Cananor, e que, segundo a cartografia de 1502-1590, estava entre 46° ou 46° 30' sul, talvez mais ao sul, pois a frota seguiu até 50° S. no mar, para voltar por rumo noroeste, via Serra Leoa, a Lisboa, onde Vespúcio desembarcou em setembro de 1502. Esta façanha, que êle descreve minuciosamente e, melhor que em nenhuma outra carta, em *Mundus Novus*, não concorda com uma função "obscura" ou "ínfima" a bordo. E' pueril sustentá-lo. E note-se que atrever-se a latitudes jamais exploradas foi menos impressionante que duas palavras utilizadas por Vespúcio nessa carta, nada mais que dois "ínfimos" reflexos da realidade presentida e anotada pela primeira vez na história do Cosmo. Vespúcio não teve dúvidas de que, navegando ao longo da costa, se encontrava diante de um *Continente*, e essa palavra, aplicada às novas terras, figura oito vêzes nas "poucas fôlhas". de *Mundus Novus*. E' também a primeira prova da visão do navegador que Waldseemüller qualificaria em 1507 de "sagaz engenho" e uma das duas causas que deram a sua carta a importância de ter nascido associada à revelação do descobrimento da quarta parte do orbe. Vespúcio não só julgou, acertadamente, a presença de um continente, mas também, fiel à obsessão universal clássica dos antípodas, compreendeu que, tendo-as alcançado com vida, tão terríveis latitudes *não* eram mortíferas e, por conseguinte, tôdas as terras eram habitáveis para o branco, que poderia circular já sem temor pela superfície do globo. *Antípodas* pôde considerar-se desde então, isto é, desde Vespúcio, como uma bandeira branca, de paz, no mar. *Continente* e *Antípodas* foram as duas novidades vespucianas que garantiram a *Mundus Novus* sua fulminante

circulação e ao florentino sua fama. Causaram profunda impressão entre aquêles que estavam preparados para entendê-las e tirar delas justas deduções, e se diplomatas e negociantes radicados na Península Ibérica em seguida bem captaram seu sentido e escreveram a suas Chancelarias e a seus familiares, muito mais entenderam e aplaudiram Vespúcio em seus livros os cosmógrafos e geógrafos do primeiro têtço do século XVI. Foram êles os leitores e propagandistas, quando não editôres, do *Mundus Novus* e formaram o pequeno grupo qualificado de admiradores do florentino. Êles edificaram sua reputação, e dentre os mais eficientes salientou-se o lorenês Waldseemüller, que, na ignorância da verdadeira posição geográfica dos descobrimentos setentrionais de Colombo, acreditou que o primeiro contato de um branco com o nôvo continente foi o que assinalou Vespúcio. Humboldt e D’Avezac explicaram em seus livros, e Varnhagen e HARRISSE e Vignaud posteriormente, as circunstâncias da publicação do mapa de 1507 e da *Cosmographia Introductio*, em todos os seus pormenores; e nós, os historiadores posteriores não temos feito senão corrotorar suas verdades, relativas à justa posição de Vespúcio na História.

RECOMPILAÇÃO DE JUÍZOS VETUSTÍSSIMOS.

O Sr. Aboal — que, não o olvidemos, é Correspondente da Sociedade Geográfica de Lisboa — procura barrar os progressos feitos no esclarecimentos dos problemas vespucianos ao omitir a reprodução de testemunhos importantes, velhos e novos, ao tergiversar alguns, e ao reiterar sistematicamente os agravos seculares mais difundidos e mais falsos. Retrocede assim, à época anterior a Humboldt, o estado da controvérsia, isola-a das investigações contemporâneas de documentos e mapas que arrasaram com falseamentos da História e reitera as inflexíveis e pertinazes críticas, já conhecidas, da personalidade, das cartas e das viagens de Vespúcio.

Por isso, não merece seu ensaio o título de *Bibliografia crítica*. Muitos títulos que falam bem do florentino estão ausentes ou são simplesmente enunciados, sem explicação do conteúdo e em forma impertinente, taxando usualmente seus autores de “fanáticos”, “idólatras” ou “neovespucistas”. Antigos inimigos de Vespúcio gozam de largo espaço e, embora tenham sido desqualificados por autores ilustres, que, neste livro, só se apresentam reduzidos, são aqui desenterrados e expostos como valiosas múmias. Assim, dedica a Humboldt e seu *Examen critique*, — primeira defesa da pureza moral do florentino — três linhas que não dão a conhecer a transcendência dessa obra em cinco tomos do genial historiador alemão. A HARRISSE é sua célebre *Bibliotheca Americana Vetustissima*, em dois tomos, de-

precia a utilidade, dando-lhe 12 linhas. Não menciona sequer, entre as novidades, a edição de 1960 dessa obra, feita pelo historiador e editor espanhol Carlos Sanz López, com numerosas adições que complementam a titânica obra de HARRISSE. Não convém ao autor que seus leitores a conheçam? Dedicar 15 linhas a VIGNAUD, cujo livro inclui extensa bibliografia crítica que utiliza e não menciona. A história em dois tomos do norte-americano FISKE, a melhor em língua inglesa, dedica sete linhas. A VARNHAGEN, muito favorável a VESPÚCIO, não critica, mas desembaraça-se em três ou quatro linhas de cada um de seus livros, deixando assim o leitor na ignorância de seus juízos. Trata igualmente a MAGNAGHI. São estratégias inaceitáveis, que ABOAL completa relevando as opiniões dos autores contrários a VESPÚCIO. LAS CASAS e seus delírios ocupam 3 páginas — páginas, não linhas como antes — LAMBERT DE ST. BRIE, sem importância alguma, 4; MARCOU, com sua insensata teoria de que o nome “América” procedia de uma região do Novo Mundo e com insultos a VESPÚCIO, 5 páginas; um tal HUDD, que se filiou a tal tese, 2 páginas, etc., etc. . Todos a depreciar e as injúrias antigas já pulverizadas pela crítica reaparecem, reconstituídas sob as assinaturas de Servet, Herrera, Padre Simon, Tiraboschi, Ayres de Casal, Emerson, Irving, Santarém, Muñóz, Markham, Ulloa, Duarte Leite. E o Sr. Aboal agrega-lhes a tinta de seus sarcasmos.

ARDIS NAS CITAÇÕES.

Dessas atitudes deduz-se que este ensaio foi concebido e composto para esconder o conhecimento da verdade, pois tudo retorna ao princípio, dissimulando cautelosamente os novos achados documentais e os juízos favoráveis que deles surgem para o Piloto-mor de Espanha, suas viagens e revelações. Demonstra-o a malícia com que omite opiniões de Humboldt, Varnhagen, HARRISSE, FISKE, Thacher, Uziel, Hugues, Vignaud, Magnaghi, Ruiz Guiñazú, Pohl, Melon, Marcondes de Souza, Almagiá, Ezquerro, Revelli, Greve, Grez, Aparício, N. Besio Moreno, Ch. Nowell, Arciniegas, Sanz, O’Gorman e Sérgio Martini. Os livros destes autores ou seus trabalhos críticos representam mais de cem anos de investigações, descobrimentos documentais e juízos honestos, fundamentais, destinados à revisão e ao progresso da história americana, vinculada à ação de Vespúcio. Quando não o ignora o Sr. Aboal, é tão exíguo o que dedica a alguns dos autores mencionados que o leitor fica sem saber o que disseram. Ausentes estão igualmente os testemunhos contemporâneos das viagens de Vespúcio, sobretudo da terceira. Trata-se de Affaitato, Empoli, Rondinelli, Pasqualigo, Valentín Fernández, Corner, e juízos sobre a cita-

da viagem de autores do século XIX, como Capistrano de Abreu, Medina, Outes, Groussac, Orville-Derby, Kunstmann, Kohl e Nordenskiöld.

A tal ponto se obstina o autor a atacar em sua campanha aquêles que lograram desfazer a rêde de falsidades e malevolências do passado, que é necessário verificar cada citação sua, e assim se verifica que suprime e trunca.

— O cronista López de Gómara serve ao autor: 1º) para ofender a Vespúcio, 2º) para omitir um parágrafo, importantíssimo, de sua *História Geral*, que assegura a passagem do florentino pela Patagônia, e 3º) para valer-se de uma má edição modernizada da citada obra para reduzir o alcance da terceira viagem. Primeiramente refere-se, em uma nota (pág. 80), à conhecida frase de Miguel Servet. Este sábio admirou-se, em 1535, de que, sendo Colombo o descobridor da América, tivesse o continente o nome de Américo. Harrisse comentou o fato, indicando que essa frase e outra coetânea, de Schöner, marcam o início de uma campanha de calúnias contra o florentino, resultante de insuficiente ou errônea informação. Quando Waldseemüller, em 1507, chamou Vespúcio de *descobridor da América*, todos, sem exceção, acreditavam que Colombo o era de *ilhas e terras asiáticas*, situadas ao norte, entre a linha equinocial e o Trópico de Câncer, mas distantes do nôvo continente austral. Basta o antecedente citado para que o Sr. Aboal escreva que Servet “desconfia da fama nascente e bastarda de Vespúcio”. Outra frasesinha simultânea completa o par de agudas alfinetadas: “ao Vilanovano não lhe deslumbrou a fraude que intentava afiançar-se”. Percebe-se aqui claramente a intenção do autor de fazer crer ao leitor que êle, Aboal, crê na fraude, ou seja, em burlas de Vespúcio para consolidar o que teria alcançado com manobras. Em 1535, quando escrevia Servet sua frase, muito mais desculpável que a de Aboal, ninguém procurava afiançar a fama do florentino, falecido em 1512. Ao contrário, começava a declinar. Demonstram-no as obras de cosmógrafos que relatam já seus comentários, porque julgavam, nessa época, que Waldseemüller, ao enaltecer a Vespúcio em 1507, havia esquecido, sem querer, os direitos de Colombo; mas êles, por sua vez, esqueciam que êste só foi reconhecido como descobridor do Nôvo Mundo quando geógrafos e cronistas advertiram, por volta de 1522 e depois, que a viagem de circunavegação Magalhães-Elcano confirmava a verdade pressentida de que Colombo não havia chegado à *Ásia* em 1492 e que seus descobrimentos desse ano marcavam o achado da *América*. Deduziu-se isto em 1502, depois da viagem de Vespúcio até os antípodas austrais, dos mapas de Kunstmann II, Canério, Pesaro e Hansey, de 1502, mas a certeza só a deram os planisférios de Turim (1523),

Ribeiro (1529), Caboto (1528-1544), etc., ao assinalarem a distância oceânica que separava as terras americanas e as ilhas de Caribe, das Molucas e as Malaias. Quanto à fama do florentino, não foi grangeada com dolos. A sugestão de que obteve a honra do nome de América sobre Colombo, por haver adiantado de um ano a data de sua viagem a Terra Firme, é uma das mais penosas confusões de Las Casas. . A iníqua acusação de que utilizou seu cargo de Piloto-mor para dar seu nome ao continente descoberto, parte de Tiraboschi, que enganou com sua invenção. Entretanto, só foi desmentido depois, com a prova das datas, por Humboldt, Varnhagen, Harriette e Vignaud. Compreenderam eles que a designação de *América* obedeceu a circunstâncias fortuitas e distantes, às quais esteve alheio Vespúcio.

O Sr. Aboal traslada para o presente as imputações maliciosas do passado para reduzir as proporções das façanhas ou negar sua autenticidade. Isto se comprova nas linhas que dedica a López de Gómara. Este cronista ocupa-se, em várias oportunidades, de Vespúcio, e Aboal, ao referir-se ao capítulo 81, reproduz uma frase assim:

“Américo Vespúcio foi buscar as Molucas pelo cabo de Santo Agostinho, com quatro caravelas que lhe deu o rei de Portugal no ano 1, *mas não chegou nem sequer ao Rio de Prata*”.

Gómara jamais escreveu semelhante falsidade. Em qualquer edição de sua *História Geral*, começando com a primeira de 1552, até às modernas, que reproduzem honestamente o texto, diz: “mas não passou de 40 graus”. E como o Prata desemboca entre 34° 30' e 36° S., significa esta frase que antes de chegar a 40° teve de passar por força ante o Prata e descobri-lo. A origem desta falha provém do fato de o autor ter utilizado uma edição catalã de 1954, na qual uma senhora se deu a liberdade de modernizar o texto e, por ignorar a latitude do rio teria acreditado que *não pasou de 40 graus* ou *não chegou sequer até ao Prata* era a mesma coisa. Não é, nem para a vítima do erro, nem para Vespúcio, cujo feito reduz. O Sr. Aboal leu distraidamente o livro de Gómara. Efetivamente, no capítulo 92 há um parágrafo longo e célebre no qual Magalhães, estando na Tierra de Marzo, situada a cerca de 44° S., exorta seus homens descontentes a terem paciência; sobrava comida, podiam caçar e pescar, e ele estava decidido a hibernar nessa região até ter mais luz para passar o estreito almejado. Dizia ademais: até aqui esteve Américo Vespúcio e nós não voltaremos a Espanha sem ter ido mais além. E' muito ambíguo às vezes o Sr. Aboal e não se entende bem o que sabe e pensa quando

escreve que López de Gómora “é ainda mais terminante na repulsa das quimeras vespucianas”. Diz isto referindo-se ao fato de que não chegou ao Prata. Então em que quimera pode pensar quando, no capítulo 92, fala o cronista da presença de Vespúcio na Patagônia, pela Tierra de Marzo, local conhecido que figura em vários mapas, entre 43 e 44 graus?... Ademais, muito antes de Magalhães, existiam planisférios em que se encontra bem perto da terra que êle ocupava um Rio Cananor. E êstes, chamados Canério, Kunstmann II, de 1502, Maiollo, de 1504, Waldseemüller, de 1507, Ruysch, de 1508, etc., indicam a bôca do Prata com o nome de Jordão e, graus mais ao sul, o Rio Cananor. Estamos longe dos 40°. Ignora tudo isto o Sr. Aboal por não recorrer à cartografia ou a eliminou de seu estudo por temor de seus testemunhos?

— Outro caso flagrante de citação mal feita e de má intenção é o seguinte: em *América la bien llamada* (tomo I, pág. 88), descreve a terceira viagem de Colombo, em 1498, e seu descobrimento, em Pária, da futura Venezuela:

“Ali, aos 6 de agosto, tomou posse em nome do Rei. Nunca soube que acabava de pisar o hemisfério austral. Desde êsse dias, foi, além de descobridor do Nôvo Mundo em seu magno conjunto de terras e ilhas, o descobridor da América do Sul”.

O Sr. Aboal suprime em seu livro (pág. 77) as palavras sublinhadas, substituindo-as por reticências, donde nasce êste monstro: “Desde êsse dia... descobridor do Nôvo Mundo em seu magno conjunto de terras e ilhas...” Graças a essa deliberada mutilação, exclama em seguida: “Segundo o Dr. Levillier, Cristovão Colombo foi descobridor do Nôvo Mundo a partir do dia 6 de agosto de 1498, segunda-feira”. (O grifo é do Sr. Aboal). E’ evidente que êste manuseio tem por objeto apresentar-me como injusto com Colombo, negando seu descobrimento de 12 de outubro de 1492! Pois bem; sustentei, em livros e conferências, que sua glória se estendeu sobre as Américas desde o momento em que pisou a ilha de Guanahani, e que sua ação, continuada e fecunda, não admite prioridade ou competência de navegante algum, por cobrir de imediato os dois hemisférios. A artimanha denunciada servirá aos leitores para aceitarem, com benefício de inventário, as citações e as deduções que delas extrai o Sr. Aboal. Aqui surge outro caso similar.

— Ao referir-se em seu livro ao crítico italiano Galeano Nacione e declará-lo um expoente de sereno raciocínio e reflexão” (provavelmente porque sugere que se considere falsa a *Lettera* de Vespúcio publicada por um editor de país longínquo, sem conhecimento

do florentino), acrescenta: “o Dr. Levillier (*América la bien llamada*, tomo II, pág. 276) julga-o, estúpido, néscio, lince e pueril”. Parecendo inverossímil tal desabafo, busco a página e encontro uma crítica minha, *não dirigida a Napione, mas ao que disse*: reavivando a

“insensata dedução de Las Casas, repetida dõcilmente por Herrera . . . sôbre a prioridade de Colombo ou Vespúcio no descobrimento de Tierra Firme; Vespúcio teria avançado em um ano ou mais a data de sua primeira viagem para tirar a prioridade a Colombo, descobridor de terra firme em 1498”...

e terminava dizendo:

“a suposição de que para tal finalidade impossível falseara uma data é já por si mesma uma *estupidez*. No entanto, o lince Napione . . . depois de reiterar a calúnia do dominicano contra o florentino, imprime a mancha sôbre a *Lettera*; não é Vespúcio o culpado, a carta de 1500 é a autêntica e esta de 1504 foi inventada por um editor distante “ad-insaputa” do florentino”.

Impaciente com essa combinação folhetinesca, conclui exclamando: “Quão néscio e pueril é tudo isto”. Tudo quer dizer os desvarios de Napione, não a pessoa. . . . Esta insistência do autor em apresentar-se intemperante não mereceria recordada se a malquerença que a envolve não fôsse constante em seu ensaio. Eis agora o último caso:

— O Sr. Aboal não simpatiza com o americano John Boyd Thacher, autor de *The Continent of America, its discover and baptism*, provavelmente porque êste aprecia Vespúcio. Ao reproduzir um comentário de Vignaud sôbre o americano, suprime uma parte informativa essencial. A frase de Vignaud é esta:

“Le millionnaire, auteur de ce volume, manquait de savoir et d'esprit critique, mais il avait le goût des belles choses et surtout ce qui manquait à Uzielli, l'argent, et il put donner à ceux qui s'intéressent aux études vespuciennes un volume contenant une riche documentation. Le récit du premier voyage de Vespuce est reproduit en latin, en italien et en anglais. Une grande partie de l'ouvrage est consacrée au baptême de l'Amérique, à Saint-Dié et à la “Cosmographie Introductio”, dont les diverses éditions sont représentées, par des facsimiles. *La cartographie du temps tient aussi une place importante dans ce volume où le grand rôle qu'a joué Vespuce dans la découverte du Nouveau Monde est justement apprécié.*”

Todo o sublinhado é omitido pelo Sr. Aboal, o que priva seus leitores da opinião do mestre sôbre o papel que desempenhou Ves-

púcio no descobrimento do Nôvo Mundo. Por êste exemplo e os anteriores, são duvidosas suas citações e torna-se imprescindível confrontá-las com o texto original.

Depois de ter indicado alguns dos casos em que suprime o que favoreceria a Vespúcio, juntarei alguns exemplos da grande alegria que sente perante as expressões dos detractores do florentino.

— Santarém passou quinze anos revolvendo a credibilidade de Vespúcio. Garantia que não restavam, na Tôrre do Tombo nem em arquivos conhecidos, provas de que houvesse viajado para Portugal. Bastam as primeiras edições alemãs de *Mundus Novus* para desmentí-lo. Fazem ver os editôres, muito claramente, a conexão de D. Manuel com a viagem de 1501-1502 e era lógico atribuir-lhe a origem do descobrimento, já que êle custeou a expedição em que ia o florentino. Desde Humboldt e sobretudo Fiske, que julgou a maledicência do português em sua perseguição um caso de psicologia mórbida, ninguém deu fé a suas evidentes falsidades e deixou de existir como fonte, mas o autor não pode perder a oportunidade de acariciar, de passagem, um bom inimigo de Vespúcio, e, depois de uma página que não define nem a personalidade nem a vasta obra de cartólogo de Santarém, termina com esta vulgaridade: “O livro do Visconde é um osso que se atravessa na garganta dos devotos de Vespúcio”.

— O Marquês Ridolfi descobriu no arquivo da família Conti, em Florença, a cópia manuscrita de uma carta desconhecida de Vespúcio, intitulada agora a *Fragmentária*. Julgou-a autêntica e interessante, tanto por seu conteúdo como por seu estilo e suas referências ao périplo de 1501-1502, mas Magnaghi, cuja tese contrariava, proclamou-a, *a priori*, falsa. A opinião dos historiadores tem sido favorável à veracidade do conteúdo, porque só Vespúcio pôde escrever carta tão homogênea com as já conhecidas. O Sr. Aboal não quer que se a reconheça, porque êle nega qualquer prova que possa assegurar uma viagem do florentino e, para pôr em pauta os que pensam o contrário, recorda que o princípio e o final da carta “*foram deglutidos por vorazes traças. . . e os fanáticos de Vespúcio engolem-na na íntegra, com mais imprudente voracidade que as traças florentinas*”. Fina graça!

— Ao utilizar uma citação de 1898 do conhecido escritor Luís Ulloa, uma das mais insensatas que se conhecem, celebra sua insolência: “As pretendidas viagens do audaz florentino, duas, quatro ou quantas sejam, não passam de *grosseiras invenções, toscas, novelas pseudo-geográficas*” e, pontificando, anuncia: “Deixo para outro livro um estudo mais amplo das falsificações feitas por Vespúcio”.

Quão fácil é condenar, prometendo provas para o amanhã! . . . Contudo, não caem no vazio suas extravagâncias e o Sr. Aboal, agulhoado pela obrigação de desempenhar seu papel, exclama: “Verdadeiramente, é lamentável que a morte haja impedido a êste antigo Diretor da Biblioteca Nacional do Perú a execução de tão *louvável projeto*”. Sobejam comentários.

CONCLUSÕES.

Finda a leitura do *Ensaio*, iniciada com a esperança de que fôsse um fiel reflexo da evolução bibliográfica vespuciana, torna-se claro que foi composto com a premeditada vontade de reacender as difamações antigas, obscurecer os cem anos de trabalho aclarador e abolir ou silenciar os novos testemunhos descobertos. Êste livro desfigura, com as calúnias exumadas e seus próprios menosprezos, quanto fêz e pensou Vespúcio e quanto fizeram e pensaram aquêles que, de boa fé, escreveram sôbre êle.

O título deixava esperar a história de uma elucidação no tempo. Cada viagem, cada carta motivou pontos de vista diversos e estas revolucionaram. Graças ao concurso de sábios de tôdas nacionalidades, reduziram-se as divergências e obteve-se uma raciocinada depuração de juízos. Êsses temas não foram sequer abordados no *Ensaio*. E isto explica, em seu prólogo, o Sr. Aboal com a desculpa de que “*não corresponde fazê-lo em uma modesta monografia de gênero estritamente bibliográfico*”. Houvesse sido *estritamente* bibliográfica, o que implica simples enunciação de obra e de crítico, teria sido objetiva, mas é subjetivíssima, retrógrada, reduzida como as cabeças dos jivaros, e desfigurada.

A esperança do autor de que sua bibliografia fôsse “*fidedigna ferramenta*” para o estudioso, frustrou-a sua resolução de fundir metais de pouco valor ao ferro, que assegura eficiência e solidez. “Pedreiras”, como queria êle que fôsse o livro, isso sim conseguiu, sem dúvida alguma, pois não parece que falte nêle nenhuma das flechas de sílex que, no correr dos séculos, lançou a malevolência contra o primeiro triunfador das águas antárticas.